



VII Simpósio Nacional de História Cultural

## HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

### MUNDO DO SERINGAL: MASCULINIDADE E VIOLÊNCIA

Antonio Emilio Morga\*

No apagar das luzes do século XIX e crepúsculo do século XX uma onda migratória, oriunda do nordeste brasileiro, provocou um aumento populacional no Amazonas. Fustigados pela fome, seca bem como desemprego, milhares de trabalhadores aventuraram-se na exploração da borracha em busca de prosperidade.

Esse fluxo migratório, composto basicamente por homens propiciou uma nova dinâmica para o Estado do Amazonas. Seu interior aos poucos recebeu um acréscimo populacional que logo apontou o despreparo das comarcas e dos seringais para receber esse contingente de homens que vinham em busca de riquezas e de dias melhores.

[...], floresta e seu entorno começam a experimentar e a vivenciar o movimento do rio e seus afluentes. Intrusos a bisbilhotar as partes mais íntimas das árvores virgens. E de suas entranhas jorra o látex branco que impulsiona o capitalismo nacional e internacional.<sup>1</sup>

A floresta se transforma. Lugar do misticismo, clima quente, lendas e gente de diversos lugares que constituíram e se constituíram os seringais dos recônditos do Amazonas. Num primeiro momento os seringais surgiram meio sem controle e num

\* É Professor do Departamento de História e do Programa de Pós – Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas.

<sup>1</sup> Lage, Mônica Maria Lopes. Mulheres e Seringal: um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas. (1880-1920). Manaus, 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Amazonas, 2010, p. 3.

segundo momento, diante do boom econômico da borracha, já se percebia um controle administrativo e político nos seringais.

Foi somente no final do século XIX quando a migração nordestina atingiu o Amazonas é que os seringais surgem com a forma de organização gerencial – econômico-administrativo e política. Os seringais eram extensas área de floresta de propriedade do coronel e que era administrada por um patrão. O coronel arrendava as estradas de seringa aos seringueiros que eram proibidos de construir e fazer roça nas terras do Coronel. Dessa forma os coronéis detinham o controle econômico e político sobre o seringal assim como sobre os seringueiros.<sup>2</sup> A literatura nós mostra que em alguns seringais não estavam longe do regime escravocrata.

A historiografia regional tem demonstrado que os seringais do Amazonas foi formado essencialmente pela presença masculina e descrito como lugar da virilidade e da masculinidade. Autores como Mariama C. Pantoja, Artur Reis, Mario Ipyranga e Samuel Belchior em seus estudos relatam a constituição do mundo do seringal como lugar masculino. Em suas obras o seringueiro é apresentado não somente como o desbravador da floresta, mas também como homem destemido que utiliza da violência para delimitar seu território. Ao construir e reconstruir o mundo dos seringais, a historiografia regional, nessa perspectiva deu ênfase na construção de um lugar privilegiado pela presença masculina, retratando o mundo do seringal como hostil e traiçoeiro.

Diante das ambiguidades, contradições e intempéries cotidianas o homem do seringal se viu isolado e abandonado no meio da mata. A luta pela sobrevivência econômica não demorou em mostrar a outra face do mundo dos seringais. Território do inóspito no imaginário sócio econômico os seringais do Amazonas foram construídos como lugar da virilidade e arena da violência.

E diante da documentação analisada pode-se dizer que os coronéis da borracha tinham preferência por homens solteiros ou sem família nos seringais. Com o passar do tempo a solidão dos seringueiros tornou-se foco de tensão.

Boa parte da literatura amazonense que trata desse período tende a dizer que inúmeros homens que foram para trabalhar diretamente na produção da borracha, como seringueiros, foram sozinhos, deixando mulheres e filhos em sua paragem de origem. Esse fato, explica, em

<sup>2</sup> Weinstein, Barbara. A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p. 21.

parte, a escassez de trabalhos sobre a visibilidade feminina nos seringais.<sup>3</sup>

Num vigoroso trabalho sobre a participação feminina nos seringais do Amazonas, Mônica Lage indica ao longo de sua pesquisa que no contexto da historiografia regional, as mulheres não tiveram participação significativa na história da exploração do látex, e quando surgiam eram lidas apenas como “mercadorias”, servindo somente para satisfazer os desejos e os anseios dos seringueiros que viviam solitários na mata. No imaginário do seringal a mulher poderia amenizar as auguras do cotidiano. Neste sentido “ A mulher foi objeto cobiçado, sonho permanente do seringueiro isolado na floresta. O desejo de uma companheira feia, de qualquer cor, tamanho, idade, naturalidade, espécie moral, torturava o seringueiro”.<sup>4</sup>

Nesta perspectiva pesquisas recentes indicam que em determinadas regiões do Amazonas não havia a presença de uma mulher sequer, e essa situação fazia com que os seringueiros se sentissem sozinhos e solitários. Em lugares escassamente povoados como, por exemplo, no oeste da Amazonas se concentrava um número significativo de seringueiros solteiros e solitários.

Os estudos apontam que várias foram as tentativas de amenizar a falta de mulheres nos seringais do Amazonas, desde encomendá-las às casas aviadoras até retirá-las à força dos cabarés de Manaus e enviá-las aos seringais. Recuperando a narrativa de Alfredo Lustrosa Cabral, Cristina Wolff, que registram em diversas passagens de seus trabalhos a condição de Manaus como pólo fornecedor de prostitutas aos seringais do interior. Mostrando que tudo era feito com a aquiescência das autoridades públicas

A polícia de Manaus, de ordem do governador do Estado, fez requisição nos hotéis e cabarés dali de umas cento e cinquenta rameiras. Com tão estranha carga, encheu-se um navio cuja missão foi a de soltar, de distribuir as mulheres em Cruzeiro do Sul, no Alto Juruá. Houve destarte, um dia de festa e de maior pompa que se tinha visto.<sup>5</sup>

Nenhum estudo foi feito sobre a história das mulheres que foram enviadas aos seringais do Amazonas para servirem como prostitutas. Pouco se sabe sobre a história

<sup>3</sup> Lage, Mônica Maria Lopes. Op. cit.; p. 10.

<sup>4</sup> Reis, Artur César Ferreira. O Seringal e o Seringueiro. 2º. ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas. Governo do Estado do Amazonas, 1977. p 122.

<sup>5</sup> Wolff, Cristina Sheib. Mulheres da Floresta. Uma história do Alto Juruá. Acre. (1880-1945). São Paulo: Hucitec, 1999, p. 86.

que elas construíram ao chegarem aos seringais, quantas se adaptaram, quantas rejeitaram o novo modo de vida, quantas se casaram e constituíram famílias, quantas optaram por continuar na vida do meretrício ou quantas retornaram a Manaus, estas são perguntas que ainda carecem de respostas. O ato de retirar as prostitutas das ruas e dos cabarés de Manaus e enviá-las aos seringais do Amazonas cumpria assim duas funções sociais distintas: a de “limpar” as ruas de Manaus que vivia o auge da *Belle Époque* e a de satisfazer as necessidades ardentes dos seringueiros.<sup>6</sup>

Com o passar dos anos, as migrações foram aumentando e a diferença entre a quantidade de homens e de mulheres nos seringais foi diminuindo, um maior equilíbrio entre os gêneros foi se estabelecendo, com a vinda de pessoas dos mais diversos lugares, em maior número do nordeste, esses migrantes foram tomando seus lugares na mata e estabelecendo ali seus costumes, sua cultura e seu modo de viver.

Ao chegarem, as mulheres foram se agrupando as outras que já residiam nos seringais, na maioria das vezes essas eram esposas ou filhas de seringalistas, seringueiros ou de comerciantes locais. Aos poucos elas foram se inserindo nas mais variadas atividades econômicas que os seringais ofereciam, podendo trabalhar diretamente na extração da borracha, cuidar da pequena horta que a maioria dos seringueiros possuía nos fundos do quintal para ajudar na subsistência da família, cuidar da casa e dos filhos ou, ainda, trabalhar na extração de outros produtos da floresta.

Com o aumento da população feminina nos seringais e cercanias foi havendo um maior equilíbrio entre a quantidade de homens e mulheres. Entretanto o número de mulheres ainda era considerado inferior diante da quantidade de homens nos seringais. E diante dessa desproporcionalidade a disputa por uma mulher foi se acirrando tornado as comarcas e os seringais palco de violência motivado por ciúmes ou disputas amorosas.

Neste período a imprensa do Amazonas em suas páginas relata entreveros onde o ciúme ou a disputa amorosa quase sempre terminou em morte. E diante da violência amorosa que corria solta pelos seringais o Jornal A Capital relata que no Seringal Puruzinho localizado as margens do Rio Purus mais um crime de paixão aconteceu na noite de 5 de dezembro de 1917. Segundo o jornalista o seringueiro Ananias Rodrigues vendo-se preterido pela esposa de seu amigo aproveitou-se da ausência do esposo de Maria numa noite de forte chuva para invadir o barraco onde Maria dormia e a estrangulou

<sup>6</sup> Lage, Mônica Maria Lopes. op. cit.; p. 25.

com as próprias mãos. Ao senhor delegado de policia alegou que não conseguia mais dormi e nem trabalhar diante do desprezo que lhe nutria a esposa do seu companheiro de estrada. E ao finalizar seu relato o jornalista acrescenta que esta é uma história muito estranha. E que ouviu de uma fonte que a dita Maria andava de segredos e sorrisos com o assassino confesso.<sup>7</sup>

Instigante foi a nota publicado pelo jornal O Purus sobre um crime envolvendo a jovem esposa do seringueiro Sebastião. Tomado de preceitos morais o jornalista narra o entrevo no dia dos festejos da padroeira. Logo após a procissão, onde se encontravam as mais altas autoridades e comerciantes da vila de Santa Isabel, teve inicio as danças e a quermesse. Diz o jornalista que não era de desconhecimento da população local que o jovem Joaquim nutria interesse por Ana dos Santos, esposa de Sebastião. E que este mesmo diante da impetuosidade do jovem Joaquim com seus gracejos fingia nada saber. O que a comunidade não sabia era que Ana Joaquina nutria um encanto pelo sacristão Clementino. Fato que só foi revelada no dia dos festejos diante da morte de Ana dos Santos e do sacristão. Conta o jornalista que o jovem Joaquim tendo pegado Ana nos braços de Clementino e tomado pela fúria do ciúme não hesitou em disparar sua arma de fogo contra os amantes. E aos gritos gritava para quem quisesse ouvir que cometeu o crime para lavar sua honra. E ao finalizar sua nota acrescenta que o esposo traído em soluços abraçava o corpo ensanguentado da esposa adúltera.<sup>8</sup>

Em defesa da sua honra o seringueiro Domingues Gomes assassinara sua esposa no dia 23 de novembro de 1917. Domingos era tido como um homem trabalhador e esposo dedicado. Em relato as autoridades o seringueiro conta que começou a desconfiar de sua jovem esposa. Comenta que ela se encontrava displicente nos afazeres domésticos e sistematicamente se negava a se deitar com ele na rede. Desconfiado com atitude repentina de sua bela jovem esposa Domingos passou a espreitar e a rondar sua residência. Numa bela manhã de domingo se despediu da esposa e foi para estrada colher o látex. No entanto desconfiado e com o coração em pedaços, segundo relatou as autoridades, deu meia volta e retornou a sua morada a tempo de ver um homem pulando a janela e embreando-se na mata e

Cego de furor o marido ultrajado sobe irascível as escadas da casa e, sem dar tempo a ouvir da mulher as explicações necessárias segura de

<sup>7</sup> Jornal A Capital – 10 – 12 – 1917 - Amazonas

<sup>8</sup> Jornal - O Purus - 20 -10 -1916 - Amazonas

um rifle que se achara num canto, dispara-o, matando instantaneamente aquela que lhe havia maculado a honra.<sup>9</sup>

A honra, no decorrer dos séculos XIX e início do XX era o valor que norteava a conduta das famílias patriarcais da sociedade brasileira, entretanto ela possuía valores diferentes para homens e mulheres. Para os homens a honra muitas vezes estava ligada aos atos de heroísmo, aos desempenhos nas batalhas, a masculinidade, as ações públicas. Já para as mulheres a honra estava associada a pureza sexual e à fidelidade.

A honra sexual era a base da família, e esta a base da nação, Sem a força moralizadora da honestidade sexual das mulheres, a modernização, termo que assumia diferentes significados para diferentes pessoas, causaria a dissolução da família, um aumento brutal da criminalidade e o caos social.<sup>10</sup>

Na sociedade patriarcal brasileira cabia ao homem evitar que a desonra da familiar. Sempre atentos eles mantinham sob seus olhares e sob sua tutela todas as suas mulheres - mães, esposas, filhas, irmãs ou amantes, e caso a desonra viesse a acontecer, só uma alternativa surgia no código da masculinidade que era lavar a honra com sangue.

Se a desonra chegasse a ocorrer, especialmente na forma de adultério, so restava ao homem “lavar a honra com sangue”, o que era também reconhecido pela justiça como “legítima defesa da honra” ou como ação cometida em momento de “privação dos sentidos e da inteligência.”<sup>11</sup>

Ainda segundo Mônica Lage estes valores, entre outros, norteavam a conduta da sociedade brasileira do século XIX e XX. Por viverem num ambiente de perigo constante, os homens nos seringais, já eram mais propensos a serem fortes e valentes e quando a honra desses homens via-se ameaçada eles não temiam em defendê-la com sangue. Poder-se-ia dizer que a preocupação com a imagem social era o fator motivador que os impulsionavam para o crime.

Para o imaginário masculino a traição pertence ao mundo da zombaria e do escárnio. Talvez o ato da violência seja um exercício de mostrar a sua dor e tornar público o que lhe aconteceu e alertar o outro que o mesmo pode ocorrer com ele. O ato de ri do

<sup>9</sup> Jornal - A Capital 23 – 11 – 1917. Amazonas

<sup>10</sup> CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940) – Campinas SP. Editora da Unicamp/ Centro de pesquisa em historia social da cultura, 2000. p. 26

<sup>11</sup> Wolff, Cristina Sheib. op.cit.; p.218.

cornos pode ser lido como uma atitude de exercitar seus próprios fantasmas diante da possibilidade de ser o próximo traído. Diante dessa possibilidade, purificar a honra através da violência seja tolerada pela sociedade patriarcal do século XIX e XX, legitimada pelos discursos morais, religioso, jurídico e ético

A honra é um valor moral de uma pessoa para si mesma, mas também para a sociedade. É sua opinião sobre seu próprio valor, sua reivindicação de orgulho, mas também é a aceitação desta reivindicação, sua excelência reconhecida pela sociedade, seu direito de orgulho.<sup>12</sup>

Segundo Sidney Chalhoub, a quantidade de casos onde homens cometem homicídio por causa de mulheres é imensamente superior à condição inversa. Para o autor, o homem geralmente se desespera diante da possibilidade de perder a mulher amada. Ao analisar os crimes cometidos entre homens por causa de mulheres na Cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, o autor ressalta que:

[...], talvez as mulheres se desesperassem menos com o rompimento amoroso, pois elas compreendiam que em geral não teriam dificuldades em arrumar outro amasio, ou outro parceiro se assim o desejassem. O homem, no entanto, sabia que estava atirado numa arena na qual a luta era árdua, e conquistar uma nova companheira poderia levar tempo.<sup>13</sup>

Na história do ciúme, esse sentimento nem sempre teve uma conotação negativa. Aristóteles, no século IV a.C., concebia o ciúme como o desejo de se ter o que outra pessoa possui. Era originariamente uma palavra boa e referia-se ao desejo de imitar uma coisa nobre da outra pessoa. Nesta acepção, o filósofo pensava o ciúme em termos de uma nobre “inveja”. Somente mais tarde a partir do séc. IV é que Santo Agostinho passa a advertir que: “O amor é forte como a morte, o ciúme é cruel como o túmulo”, concebia o ciúme como algo desfavorável à boa vivência do amor. Para Stendhal, o ciúme também tinha uma conotação negativa e estava atrelado à vaidade: “O que torna a dor do ciúme tão aguda é que a vaidade não pode ajudar-nos a suportá-la”<sup>14</sup>. Ainda segundo Stendhal, “o ciúme é o maior de todos os males”. Sendo ou não verdadeira esta afirmação, a

<sup>12</sup> FAUSTO, Boris. Crime e cotidiano: A criminalidade em São Paulo (1880-1924) 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 91.

<sup>13</sup> Chalhoub, Sidney. Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores na Belle époque, São Paulo. Editora Brasiliense S.A, 1986, p.156

<sup>14</sup> Stendhal. Do amor: Tradução Roberto Leão Ferreira – 2ed- São Paulo: Martins Fontes, 1999 – Clássicos. p. 94

experiência do ciúme é comum nos relacionamentos amorosos e, na maioria das vezes, é o fator motivador para as brigas, desavenças e violências.

Talvez o medo da zombaria alheia diante da comunidade que se encontrava inserido levou Custódio de Oliveira, seringueiro com fama de galanteador a espancar sua jovem sedutora esposa até a morte. Conta o coevo jornalista que o mancebo galanteador se viu acometido por uma paixão por Antonia Silva, morena de belos olhos e de largo sorriso nos lábios. Apaixonados os jovens amantes casaram-se, mas logo, Antonia, tornou-se “fria com o companheiro e irresistivelmente se sentiu atraída por Francisco de Tal” sem poder contralar sua paixão a jovem esposa se entregou aos ardentes desejos do amor. Diante da paixão de Antonia o jornalista sem explicitar o porquê fazia, formula juízo ético sobre os jogos de sedução dos amantes:

Medindo a profundidade do abismo a que se sentia arrastada pelas paixões velhermentes que a consumia quis fugir, mas o destino, empolgando-a e embriagando-a, levou a de rebelião até á concavidade mais escura daquele, chão.<sup>15</sup>

Logo, não demorou muito para que o jovem esposo descobrisse a traição amorosa e cheio de ódio e rancor munido de um facão espancou até a morte a bela morena Antonia. E ao finalizar sua narrativa o jornalista nas entrelinhas deixa transparecer seu dedo acusador ao assevera que “o crime só ocorreu devido a vaidade e faceirice da jovem esposa que preferiu trocar as prendas do lar por uma vida obscura onde já se desenhava seu desfecho.”<sup>16</sup>

Instigante a observação do coevo jornalista na medida em que sem nenhum pudor ao longo do seu texto encaminha ao leitor desavisado uma conclusão desprovida de qualquer fundamentação. A princípio de qual juízo ético, moral ou jurídico nosso ansioso homem de imprensa passa a direcionar a conclusão da sua narrativa jogando a culpa do crime na jovem esposa? A pergunta se torna oportuna porque não identificamos na leitura do seu relato evidencias que pudesse o levar a concluir que a tragédia amorosa “já se desenhava seu desfecho”. Talvez em seu texto se desenhe a tipologias e cartografias da sociedade patriarcal brasileira do século XX e de modo particular do mundo do seringal.

<sup>15</sup> Jornal – A Capital – 08 – 02 - 1918

<sup>16</sup> Jornal – A Capital – 08 – 02 - 1918



Contudo apesar de ser construído como lugar da virilidade e da força o mundo do seringal diante dos crimes da paixão se insere na sociedade onde a honra amorosa se lava com sangue. Sangue que na maioria das vezes tem na mulher o objeto dessa violência que se legitima através dos discursos morais, éticos e jurídicos. Prá além dos meandros históricos da construção social dos seringais a violência masculina diante dos crimes amorosos poder-se-ia dizer que se esconde no imaginário masculino na construção da inferioridade feminina.

Como assevera Sthendal a literatura sobre a temática revela de uma maneira bastante interessante alguns aspectos que muitas vezes estão por detrás de uma atitude enciumada. Segundo o autor o ciúme é um sentimento que nasce no momento em que o homem enciumado valoriza o rival, dando-lhe uma importância que muitas vezes não corresponde a essa valorização.

E ao valorizar o “intruso” sua imaginação flutua entre a felicidade de um tempo vivido e um presente cheio de ardis. Com isso perde a capacidade de entender o acontecimento, e ao perdê-lo, imagens de uma suposta infelicidade o remetem a um mundo povoado de contradições.<sup>17</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

### **Bibliografia – Biblioteca da Universidade Federal do Amazonas**

CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940) – Campinas SP. Editora da Unicamp/ Centro de pesquisa em historia social da cultura, 2000.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores na Belle époque, São Paulo. Editora Brasiliense S.A, 1986.

FAUSTO, Boris. Crime e cotidiano: A criminalidade em São Paulo (1880-1924) 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LAGE, Mônica Maria Lopes. Mulheres e Seringal: um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas. (1880-1920). Manaus, 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Amazonas, 2010.

<sup>17</sup> APUD. MORGA, Antônio Emílio. Nos subúrbios do desejo: Masculinidade e sociabilidade em Nossa Senhora do Desterro no seculo XIX – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009. p. 49

MORGA, Antônio Emílio. Nos subúrbios do desejo: Masculinidade e sociabilidade em Nossa Senhora do Desterro no século XIX – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

REIS, Artur César Ferreira. O Seringal e o Seringueiro. 2º. ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas. Governo do Estado do Amazonas, 1977.

STENDHAL. Do amor: Tradução Roberto Leão Ferreira – 2ed- São Paulo: Martins Fontes, 1999

WEINSTEIN, Barbara. A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

WOLFF, Cristina Sheib. Mulheres da Floresta. Uma história do Alto Juruá. Acre. (1880-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.

**Periódicos: Arquivo da Biblioteca Pública do Amazonas.**

Jornal O Purus - 20 -10 -1916 - Amazonas

Jornal A Capital – 10 – 12 – 1917 - Amazonas

Jornal A Capital 23 – 11 – 1917 - Amazonas

Jornal – A Capital – 08 – 02 – 1918 - Amazonas



**História Cultural**